Duas Memorias do Jesuita Manuel Pinheiro

Barão de Studart

Em 1720 aportava a Pernambuco a frota vinda do Reino.

Eram passageiros della o jesuita João Guedes e os chefes da serra de Ibiapaba, Mestre de Campo D. Felippe de Souza e Capitão Christovam de Souza. Não podera acompanhal-os D. Jacob, pae de D. Felippe, que esse a morte colhera em Lisbôa, para onde os tres haviam ido afim de impetrar d'El-Rei D. João V a volta da Missão da Serra ao governo de Pernambuco.

O Padre era natural do reino da Bohemia e, no dizer de Loreto Couto, **homem insigne e huma perfeita idea de religiosas virtudes.** No seu necrologio exarado nos archivos da Ordem (anno de 1745), entre outros conceitos se diz delle: bonis moribus cum esset ornatus per magna auctoritate et laudibus floruit; multa præclara egit; vir erat pii et excelsi animi; residentiæ Searensis auctor et fundator fuit.

A requerimento de João da Maya, tinha passado a Ibiapaba á jurisdicção do Maranhão como medida de ter os indios sempre promptos para a guerra, mas á vista das representações e queixas daquelles chefes voltou a ser sujeita como dantes ao governo de Pernambuco, com a condição do governador do Maranhão poder convocar os indios para guerrear os selvagens sempre que julgasse necessario.

Foi o P.e João Guedes portador na mesma occasião de uma Ordem Regia determinando que se fundasse no

Ceará um hospicio para 10 padres da sua congregação, Imperiaes ou Allemães, a cada um dos quaes foi marcada a importancia annual de oitenta escudos romanos para alimentação e vestuario. Para fabrica da casa e da egreja mandou-se-lhes dar 2800 escudos.

Ordem identica já havia sido concedida por D. Pedro II, mas o Padre Francisco de Mattos, provincial daquelle tempo, entendera por varios motivos não dar principio á fundação.

Não havendo padres allemães em numero sufficiente, tratou o Pe. Guedes de os substituir por portuguezes, mas recusaram seguil-o aquelles a quem se dirigiu a respeito.

Continuava assim, e por annos, sem execução a Ordem de D. João, quando o provincial Gaspar de Farias resolveu que tomassem o caminho do Ceará os Padres João Guedes como superior, Manuel Baptista como operario, Felix Capelli como mestre de meninos e o Irmão Manuel da Luz, encarregado dos serviços da casa. Foi isso em 1725.

Chegados á pequena cidade do Forte, como então era chamada e ainda hoje lhe chamam os nossos sertanejos, não encontraram os padres quem lhes désse agasalho. As poucas casas que havia estavam cheias.

Aconteceu, porem, existir aqui um antigo discipulo dos jesuitas, João Dantas de Aguiar, que lhes emprestou a propria moradia, e foi aboletar-se numa pequena vivenda junto ao rio Ceará.

O emprestimo, todavia, não podia prolongar-se por muito tempo, e mesmo porque viam os padres o descommodo, que ao proprietario estavam dando, trataram de construir, embora á ligeira, casa onde assistissem.

Prompta esta, uma das pequenas salas foi destinada á erecção de um altar onde celebravam missa; ahi tambem ouviam de confissão, pregavam aos domingos e dias de festa e recebiam o vigario ou parocho, quando vinha a serviço de seu ministerio.

Os limites da propriedade não iam longe e, pois, não permittiam a construcção de um hospicio, seu principal

objectivo; de um lado corria o pequeno rio, do outro era a fortaleza. E o Conselho de Lisbôa a insistir pela erecção do hospicio.

Nesse estado de tanta perplexidade, appareceu a visital-os o Capitão João de Barros Braga, que lhes offereceu o terreno preciso, mas em Aquiraz. Acceita a offerta, para lá se transportaram os padres a tomar posse.

O doador já se recommendava por acto anterior de apreciada generosidade: á chegada de Christovam Soares Reymão, não havendo casas para sua aposentadoria e das pessoas do sequito, nem dinheiro com que fossem fabricadas, elle as mandou fazer á sua custa e as preparou de moveis e mais utensilios necessarios, para serem utilisadas nessa occasião como igualmente o foram ainda em outras emergencias.

A dadiva impunha uma condição: uma missa perpetua cada semana em intenção de Barros Braga e seus parentes vivos e defuntos.

Comprehendia a doação, além da terra em que residia Barros Braga, todo o terreno que era limitrophe com o do Coronel Jorge da Costa Gadelha, por alcunha o Peia-Bodes, e que mais tarde foi vendido ao governo a preço de 80 escudos romanos pelo superior Manuel de Carvalho.

Tem a data de 2 de Abril de 1733 uma ordem de Marcos Coelho, provincial da Provincia do Brasil, para a dita venda.

Outra pequena propriedade tiveram os padres, mas essa de muitos annos posterior; foi a do sitio Pindoba, onde se recolhiam os gados e animaes, parte della por compra e parte por dadiva de Estevam Velho de Moura.

São, pois, João Dantas de Aguiar, João de Barros Braga e Estevam Velho de Moura os primeiros e principaes bemfeitores do real hospicio do Aquiraz.

João Dantas de Aguiar foi o tenente do presidio de Fortaleza sobre o qual atiraram com espingarda na noite de 1.º de Janeiro de 1726, facto sobre que abriu inquerito o juiz ordinario Coronel Costa Gadelha, e foi elle mesmo juiz ordinario de Fortaleza em 1734; Estevam Velho

de Moura foi proprietario de terras no rio Pacoty e das do rio Choró, vizinhas ás quaes obtiveram 8 leguas por data de sesmaria a 16 de Agosto de 1691 Domingos Ferreira Chaves, Manuel Nogueira Cardoso, Sebastião Dias Freire e João Carvalho da Nobrega. Sobre o 2.°, porem, desses antigos vultos da capitania, escasseiam menos as noticias.

João de Barros Braga começou a figurar no Ceará em 1696, anno em que serviu de grande auxiliar do P.e João da Costa no aldeamento dos Payacus, que andavam rebellados; foi ajudante e capitão de cavallos, coronel da villa de S. José de Ribamar, mestre de campo do Terço de auxiliares do Ceará e capitão-mór do Rio Grande, merecendo a ultima dessas mercês por despacho de 15 de Maio e respectiva Carta de 16 de Julho de 1730. Ajudou poderosamente a reedificação das fortalezas de N.a S.a d'Assumpção e do Jaguaribe e por vezes salientou-se na repressão do gentio barbaro e dos soldados do presidio e na captura de famigerados criminosos.

Falleceu em fins de 1742 ou principios de 1743, sendo substituido no posto de mestre de campo por Jorge da Costa Gadelha, coronel de cavallaria e residente em Aquiraz, por proposta do Conselho Ultramarino, de 17 de Outubro, e ordem Regia de 27 de Novembro de 1743.

Com elle concorreram, para o posto de capitão-mór do Rio Grande, João de Teive Barreto e Menezes, ex-capitão de infantaria de Funchal, José Henriques de Carvalho, com serviços quer no Reino quer no Rio de Janeiro e em Pernambuco, Miguel de Mello, ex-capitão-mór do presidio de Caconda, em Angola, e Christovam Dias Castro, que tomou parte no sitio de Badajoz e na rendição de Alcantara.

Em quanto João Guedes e o Irmão Manuel da Cruz permaneciam em Fortaleza, Baptista e Capelli construiam casa em Aquiraz, e concluida esta, os quatro se reuniram.

Minoradas as difficuldades e vencidos os obstaculos de maior monta, tratou-se então do hospicio.

Como o dinheiro destinado a elle por El-Rei estivesse guardado em Pernambuco, para lá seguiu o P.e Baptista.

Recebida a importancia, voltou o emissario trazendo comsigo uma bella imagem de N.a S.a d'Assumpção, que pertencera á Missão da Ibiapaba.

Veio em sua companhia o Irmão Antonio Nunes. A viagem de Pau Amarello ao Ceará foi cheia de perigos e occasião de peripecias. Momento houve em que as vidas estiveram a perder-se, si não fôra a habilidade e o sangue frio do Irmão.

Tudo parecia bem encaminhado; havia local apropriado e já não faltava o dinheiro para construcção do hospicio; surgiram, porem, entre os interessados divergencias sobre o modo de fazel-o; este queria de um modo, aquelle de outro modo, a um quadrava tal systema de architectura, a outro parecia melhor systema differente.

O mesmo aconteceu mais tarde a respeito da edificação da egreja.

Tal diversidade de pareceres exigiu a intervenção dos superiores, decidindo o Provincial que o P.e João Guedes não se intrometesse no caso e que o serviço ficasse a cargo de Manuel Baptista e Capelli, auxiliados pelo Irmão Antonio Nunes. Como Capelli ao mesmo tempo exercia as funcções de mestre de meninos, e porque era excessivo o trabalho, veio substituil-o nesse ultimo emprego o P.e Pedro Nogueira. Retiraram-se então para a pequena casa de Fortaleza o P.e João Guedes e o Irmão Manuel da Luz, si bem que aquelle fosse semanalmente ao Aquiraz, a ver o andamento das obras.

Em pouco tempo erguia-se o hospicio, construido de vigas de pau-ferro e barro. Era uma casa baixa, terrea, com um mirante donde se podia espraiar a vista sobre a villa e o rio Pacoty, que, quando cheio, vinha até a horta.

Compunha-se ao oriente de uma sala em que se recolheiam provimentos, utensilios e mais cousas vindas de Pernambuco e de uma outra destinada ao serviço da sacristia; ao poente seis quartos; ao norte as officinas,

despensa e refeitorio; ao sul outros seis quartos; a portaria servia ao mesmo tempo de capella para celebração dos actos religiosos.

A' egreja propriamente dita deu-se principio só em 1748, sendo a pedra fundamental collocada dia de S. Ignacio (31 de Julho) com as inscripções **Sapientia ædificavit sibi domum,** de um lado, e **Signum magnum apparuit in cælo,** do outro. O local preferido por Manuel Pinheiro, o constructor da egreja, foi o mesmo escolhido por João Guedes e Antonio Nunes, mas a ideia primitiva de uma casa feita com grossas estacas foi posta de parte e então fizeram-se os muros de pedra e cal e as portas e tribunas de pedra lavrada, para o que vieram artifices de Pernambuco.

Quando as paredes estavam na altura de 20 palmos, chegou o P.e Francisco de Sampaio a substituir Manuel Pinheiro; esse teve, obteve, a bôa ideia de continuar-lhe o plano da obra.

Assim ergueu-se o Hospicio do Aquiraz, mas não gozou João Guedes da felicidade de ver a egreja que sonhara e para a qual tantas fadigas e esforços despendera, pois que falleceu a 11 de Fevereiro de 1743. Jaz sepultado mesmo na portaria do hospicio que, como ficou consignado, servia de egreja á espera da que mais tarde foi fabricada. Repousou elle desta arte em terra dos seus queridos indios, por cujo amor soffreu duras prisões e mais de uma vez atravessou o oceano.

Garantiu a existencia da nova creação religiosa do Ceará a rainha D.a Mariana d'Austria, que governou durante a molestia de D. João V, ordenando o pagamento de 60 escudos a cada religioso assistente no hospicio. Foi isso em 1749. Era superior nesse tempo o o P.e Manuel Pinheiro e provincial o P.e Simão Marques.

E' a seguinte a lista dos superiores que teve o Hospicio do Aquiraz, e dos seus auxiliares, até a conclusão da egreja.

— 1725. João Guedes (superior), Manuel Baptista, Felix Capelli e Manuel da Luz.

— 1732. João Guedes (superior), Pedro Nogueira, Felix Capelli, Manuel Pinheiro, Manuel de Macedo (irmão).

— 1735. Luiz de Mendonça (superior), Manuel Pinheiro, Manuel de Mattos, Manuel de Macedo.

Luiz de Mendonça nasceu em Olinda em 1685, filiou-se a 14 de Junho de 1701 e professou dos 4 votos a 15 de Agosto de 1720.

— 1737. João Guedes (visitador), Manuel Carvalho (superior), Manuel de Mattos, José da Rocha, Manuel das Neves, Manuel de Macedo, Antonio Siqueira (irmão).

— 1739. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, José da Rocha, Manuel das Neves, Manuel Baptista, Antonio Siqueira e Manuel de Macedo. Rocha e Neves eram missionarios volantes, como lhes chamavam.

Manuel de Mattos nasceu em Vianna (Portugal) a 12 de Fevereiro de 1692, filiou-se a 31 de Outubro de 1708 e foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1733.

— 1740. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, Manuel Baptista, Manuel de Moura, Manuel de Lima, Francisco Leal, Antonio Pinto, Luiz Jacome e os irmãos Antonio de Siqueira, José de Passos e Manuel Diniz.

Francisco Leal nasceu na Bahia a 16 de Março de 1691, filiou-se a 15 de Setembro de 1712 e foi coadjuctor espiritual a 21 de Dezembro de 1729; Antonio Pinto nasceu em Telhado em 1707, filiou-se a 23 de Maio de 1727, foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1740 e falleceu a 11 de Julho de 1757; Luiz Jacome nasceu em Braga a 12 de Abril de 1706, filiou-se a 1.º de Fevereiro de 1728 e falleceu a 25 de Maio de 1745; Antonio de Siqueira nasceu no Rio de Janeiro em 1701, filiou-se a 17 de Junho de 1725 e fez a formatura a 15 de Agosto de 1737; José de Passos nasceu em Olinda em 1715 e filiou-se a 13 de Dezembro de 1730.

— 1741. Manuel de Mattos (superior), João Guedes, Manuel de Moura, Antonio Dantas e Antonio de Siqueira. Antonio Dantas nasceu em Braga em 1691, filiou-se a 13 de Setembro de 1713 e fez a formatura a 15 de Agosto de 1727.

— 1743. Francisco de Lyra (superior), Manuel Pinheiro, Manuel de Lima e Antonio de Siqueira.

Francisco de Lyra fora superior da Ibiapaba em 1718, sendo seu companheiro Agostinho Correia, nascido em Braga em 1665, filiado a 14 de Junho de 1685 e coadjuctor a 15 de Agosto de 1696, em 1719 com o dito Correia, em 1720 com o mesmo e mais o P.e Manuel Pedroso, em 1722 com o mesmo e mais o P.e João Guedes e em 1732 com os P.es Manuel Baptista, Pedro da Silva e Raphael Gomes.

Nascera em 1676 na Ilha da Madeira, filiara-se a 20 de Outubro de 1694 e professara dos 4 votos a 28 de Outubro de 1723.

Pedro da Silva nasceu em Olinda em 1686, filiou-se a 3 de Novembro de 1700 e foi coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1714; Raphael Gomes nasceu em Ponte de Lima a 10 de Outubro de 1698 e filiou-se a 1.° de Fevereiro de 1713.

— 1745. Francisco de Lyra (superior), Rogerio Canisio, Manuel de Mattos, Estevam Monteiro, Antonio de Siqueira e Jacyntho da Fonseca.

Estevam Monteiro nasceu em Mirandella a 26 de Outubro de 1704 e filiou-se a 7 de Dezembro de 1721.

— 1746. Francisco de Lyra (superior), Rogerio Canisio, Antonio dos Reis, João de Salles e Manuel Vaz.

— 1748. Manuel Pinheiro (superior), Manuel de Lima, Francisco de Lyra, Francisco Leal, José de Anchieta e Jacyntho da Fonseca.

— 1757. João de Britto (superior), Francisco de Lyra, José de Amorim, Manuel de Lima, Manuel Franco e Manuel de Macedo.

O P.e Manuel Pinheiro, autor das duas **Memorias** que vão a seguir, por elle escriptas quando na Italia, o que explica a lingua de que se serviu, era Portuguez, do Porto, nasceu em 1695, entrou para a Companhia a 12 de Dezembro de 1714, e teve o grau de coadjuctor espiritual a 1.° de Janeiro de 1734.

Um dos expulsos do Brasil por motivo da perseguição pombalina, vivia ainda em 1773 na cidade de Roma,

tendo morado a principio no Collegio dos Inglezes e depois em Castro Gandolpho.

— Francisco Gouveia, fluminense, nascido em 1718, filiado a 1.º de Agosto de 1734 e professo a 10 de Junho de 1753.

— Ignacio Gomes, nascido em Lisbôa em 1718, filiado a 28 de Junho de 1733 e professo dos 4 votos a 7 de Maio de 1750;

— Antonio dos Reis, nascido em Barqueiros em 1710, filiado a 14 de Julho de 1728 e professo a 7 de Maio de 1750;

— Manuel de Macedo, nascido em 1697, filiado em 1730, formado a 29 de Junho de 1742;

— João de Salles, nascido em S. Paulo a 17 de Novembro de 1715, filiado a 25 de Julho de 1732 e professo a 8 de Dezembro de 1752;

— Manuel Franco, nascido em Lisbôa em 1715, filiado a 25 de novembro de 1732 e professo dos 4 votos a 2 de Fevereiro de 1750;

— José de Amorim, espiritosantense, nascido a 19 de Julho de 1711, filiado a 14 de Julho de 1728, professo dos 3 votos a 15 de Agosto de 1745 e fallecido a 17 de Maio de 1769; era o missionario da aldeia de S. Sebastião de Paupina e foi substituido pelo padre secular Manuel Pegado de Siqueira Côrtes;

— João Antunes, nascido a 3 de Maio de 1710 e filiado a 18 de Outubro de 1728;

— Francisco Pereira, nascido em Braga em 1710, filiado a 22 de Setembro de 1728, professo a 2 de Fevereiro de 1746 e fallecido em Roma a 12 de Janeiro de 1762;

— Manuel de Moura, nascido no Porto em 1701, filiado a 30 de Julho de 1718, professo a 10 de Outubro de 1740 e fallecido em Roma a 4 de Março de 1763;

— José Ignacio, missionario da aldeia de Caucaia e a quem substituiu o P.e secular Antonio Carvalho da Silva;

— Antonio Dantas, missionario da Parangaba, substituido pelo P.e Antonio Coelho do Amaral;

— José Caetano, missionario da aldeia dos Payacus, substituido pelo Padre Antonio Pires e Cardenas;

— Manuel Diniz, nascido em Braga em 1712, filiado a 24 de Abril de 1729 e formado a 29 de Junho de 1742;

— Manuel Simões, nascido em Catanhede em 1691, filiado a 10 de Julho de 1715, formado a 15 de Março de 1725, e fallecido em Roma a 1 de Abril de 1766;

— Manuel Vaz, nascido a 10 de Dezembro de 1716, filiado a 4 de Agosto de 1741 e formado a 8 de Dezembro de 1752;

— Jacyntho da Fonseca, nascido em Villanova em 1702, filiado a 15 de Novembro de 1732, formado a 29 de Setembro de 1750 e fallecido em Roma a 13 de Novembro de 1761;

—Rogerio Canisio, nascido como João Brewer em Colonia (Allemanha) em 1711, filiado a 17 de Outubro de 1731 e professo a 2 de Fevereiro de 1748.

Delle trata Loreto Couto no capitulo 24 do seu livro **Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco.** Falleceu nas prisões do forte de S. Julião.

Dos soffrimentos humanos de que foram mudas testemunhas as masmorras de S. Julião não conheço narrativa especial. Deveriam ter sido horrorosos, attendendo-se ao odio dos perseguidores e aos desejos que tinham os subalternos e os asseclas de se mostrar agradaveis e doceis instrumentos. O mesmo não acontece com os dezenove carceres ou prisões da Junqueira, porque os descreveu, com a penna, por melhor dizel-o, ensopada em lagrimas e sangue, o Marquez de Alorna. Esse livro, hoje raro, do qual possuo um exemplar, foi ha dezenas de annos publicado conforme o original por Sousa Amado e se intitula **As Prisões da Junqueira durante o Ministerio do Marquez de Pombal escriptas alli mesmo pelo Marquez de Alorna, uma das suas victimas.**

Nesses carceres foram companheiros do illustre fidalgo, entre outros, os jesuitas José Moreira, João de Mattos, Pedro Homem, o grande Malagrida, chamado o Apostolo do Maranhão, e Francisco Duarte, polyglota e profundo conhecedor das sciencias medicas.

Sobre o manuscripto e seu autor deixou Sousa Amado interessantes esclarecimentos, como se vê dos seguintes trechos:

"E' um caderno em quarto, ainda bem conservado, mas que mostra ter-se feito delle muito uso. A lettra é perfeitamente bem formada e legivel. Foi escripto com tinta vermelha, que hoje se acha algum tanto desbotada.

Esta circumstancia é digna de explicar-se. Naquellas prisões, onde por tantos annos gemeu a innocencia, e o merecimento, os presos, pela maior parte, eram privados de tinteiro, talvez pelo receio de se relacionarem uns com os outros, ou com suas familias. O Auctor porém, desta Memoria excogitou um meio, que muito bem lhe sortiu, para haver tinta; e foi, lavar os pés das cadeiras, que lhe deram, pintadas de vermelho, com o vinagre, que lhe ia ao jantar; e foi com esta tinta que elle escreveu a historia das prisões, isto é, das crueldades, tormentos e privações, que soffreu, e viu soffrer.

A' margem d'este precioso Manuscripto, e no intervallo das linhas, ha emendas e correcções, e accrescentamentos feitos com tinta preta, e da mesma lettra, e isto leva-nos a crer que o illustre Marquez de Alorna, mais tarde, pôde alcançar tinteiro, ou que então revira a sua obra depois de sair d'aquelles carceres.

A qualidade do Auctor e victima ao mesmo tempo, o desejo de saber a historia de tão longos annos de soffrimentos, fizeram com que o Manuscripto fosse procurado com o maior empenho, o que provam as copias, que possuem algumas familias nobres nesta côrte, e ainda outras.

E se a classe da nobreza enriquecia as suas bibliothecas com os Manuscriptos das prisões, o original dellas devia parar em outras mãos; e, com effeito, segundo podémos saber, assim acontecêra.

O penultimo possuidor das **Prisões da Junqueira** foi o Sr. D. Manuel de Bragança, a cuja leitura se deve talvez o restabelecimento dos Jesuitas, que hoje tantos serviços estão fazendo á Religião sob governos Monarchi-

cos e Republicanos como na Hespanha, França, Inglaterra, Austria, e sobre tudo nos Estados Unidos da America.

O benemerito Marquez de Alorna foi preso em Lisbôa no anno de 1776, na sua casa, a Jesus, estando já recolhido no seu quarto, por serem horas adiantadas da noite. Tinha 25 annos de idade, e achava-se nomeado embaixador para França.

Seis mezes depois a Marqueza de Alorna e suas filhas foram mandadas para o convento de Chellas.

Na Junqueira, segunda prisão, para que fôra mandado, conservou-se por espaço de 19 annos, e alli teria soffrido a sorte de tantos padres e fidalgos, se Sebastião José de Carvalho continuasse por mais tempo no ministerio, como desejava com avidez pouco vulgar.

Quiz a Providencia, que o inimigo do clero e da nobreza fosse lançado fóra do Governo; e a S.ª D. Maria I, bem informada da innocencia do illustrado Marquez de Alorna (que nunca soube, nem antes, nem no tempo da prisão, nem depois, a causa porque o prenderam, apezar de muitas vezes instar para que o mettessem em processo!!!), mandou-o soltar por Portaria de 7 de Março de 1777, á qual se seguiu em 17 de Maio do mesmo anno o Decreto seguinte:

"Porquanto fui servida mandar, que o Marquez de Alorna, quando sahiu da prisão em que se achava, se retirasse desta côrte em quanto se não justificasse da mais leve culpa de inconfidencia; e requerendo-me o dito Marquez a exacta averiguação da sua innocencia, ou culpa; sendo commettido este importante negocio a uma Junta de Ministros dignos delle, com assistencia do Procurador da minha real coroa, **foi por todos uniformemente julgado que o dito Marquez se achava innocente, e sem prova por onde se podesse dizer culpado:** Hei por bem de o declarar assim para que possa ser restabelecido ás honras e liberdades, que por direito lhe competem.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 17 de Maio de 1777. — Com Rubrica de Sua Magestade".

Por este meio tão solemne e decoroso foi comprovada a innocencia do illustre preso da Junqueira, o que ao mesmo tempo importa a condemnação mais formal das medidas arbitrarias de Sebastião José, que com tanta crueldade se arvorou em perseguidor dos que lhe levavam vantagem em saber, virtudes e nobreza.

Depois que o illustre Auctor destas **Prisões** se viu em liberdade, e restituido aos seus direitos, viveu sempre retirado em Almeirim, ou em Almada, repartindo o tempo em oração e obras pias; e para se recrear, entregava-se a observações astronomicas, por que mostrava muita paixão. A sua ultima molestia foi resultado de uma constipação durante estas observações.

Viveu até 1801, tendo a consolação de ver nascido o actual Marquez de Fronteira, seu bisneto."

Outros houve ainda, como aquelles, expulsos e desterrados, mas a seu respeito fallecem-me as informações.

Os jesuitas do Ceará recolheram-se a Pernambuco em fins de Fevereiro de 1760. Manoel Correia Vasques foi quem os conduziu. Além desse official, compunham a escolta 1 sargento, 2 cabos e 10 soldados.

Taes, cujos nomes registo nestas paginas, e muitos outros dentre innumeros companheiros, valentes soldados do progresso neste canto da America Portugueza, já eu o disse, foram victimas da sanha anti-religiosa de Pombal. A elles se podem applicar bem e com verdade as opiniões do governador do Maranhão a El-Rei em 1725: "Os Padres da Companhia são e sempre foram odiados nesta provincia unicamente porque defendem com zelo a liberdade dos desgraçados Indios, e com todas suas forças se oppõem aos tyrannicos oppressores, que reduzem homens nascidos livres a uma escravidão indigna e injusta".

Em um dos capitulos de sua obra **Voyage au Brésil** consignou o sabio Agassiz:

"Tendo sahido do Pará, á meia-noite, chegámos a Soure, na ilha de Marajó, muito cedo, hoje de manhã. O unico edificio da villa que tem algum interesse, é a velha igreja dos jesuitas: é uma pagina escapa á destrui-

ção do primeiro capitulo da civilisação na America do Sul.

Ainda que marcada com o cunho da ambição e da paixão do poder temporal, a obra dos jesuitas no Brasil tinha por fim estabelecer um systema organisado de trabalho; é de lastimar o não ter continuado. Todos os vestigios das antigas missões dos jesuitas attestam terem sido centros de trabalho. Esses religiosos acabam por fazer penetrar até na alma do indio vagabundo um como pallido reflexo do seu espirito de incansavel perseverança e de invencivel tenacidade. A todas as missões havia annexas umas fazendas em que, debaixo da direcção dos padres, o selvagem aprendia os elementos da agricultura. Desde o principio os jesuitas tinham percebido que as artes agricolas haviam de ser numa região tão fertil a maior influencia civilisadora. Introduziram neste paiz grande variedade de plantas comestiveis e sementes; tinham manadas de bois em lugares onde hoje o gado não é conhecido.

Humboldt, fallando da destruição das missões jesuiticas, diz, a respeito dos indios Atures do Orenoco, que outr'ora obrigados ao trabalho pelos jesuitas não lhes faltavam os alimentos. Os padres cultivavam o milho, o feijão francez e outras plantas européas, haviam plantado larangeiras e tamarindos ao redor das aldeias e possuiam 30.000 cabeças de gado ou cavallos nos campos d'Atures e de Chancama. Desde 1795 o gado dos jesuitas de todo desappareceu. Como monumento da antiga prosperidade agricola daquellas campinas, só restam algumas laranjeiras e tamarindos perdidos na matta virgem".

Alli é um governador, testemunha de visu, a proclamar os jesuitas defensores da liberdade dos fracos e dos opprimidos; aqui é um escriptor de reconhecida competencia e acima de toda suspeição, porquanto pertencia a um credo dissidente da Egreja Catholica, a reconhecel-os como os organisadores do trabalho entre os indios, como mestres nas artes agricolas.

As affirmativas do escriptor protestante pode tomal-as a si o Ceará, e substituidos os nomes Soure, Atu-

res, Charicama por Aquiraz, Viçosa e outras localidades cearenses, está feito o elogio dos dignos continuadores do obra civilisadora de Francisco Pinto e Figueira.

Por indole e educação me inclino á defesa dos outros e só ante provas abundantes, decisivas, julgo que as acções alheias são más e carecedoras de correctivo; pelas lições da historia e conhecimento que tenho da sociedade humana, cujas paixões são sem conta e sem limites, aprazme o papel de advogado e recuso o de accusador; determino-me sempre a estar ao lado da victima, de preferencia a bater palmas ao algoz, embora forte e distribuidor de graças. Tratando-se, porem, dos filhos de Loyola, tudo, indole natural, ensinamentos da historia, testemunhos coevos, gratidão de patriota, tudo me conduz á defesa desses paladinos da minha religião, desses emissarios da paz e do progresso moral e material do meu paiz.

Referindo-se aos citados dizeres do **Voyage au Brésil**, ajunta Alexandre Le Roy o seguinte, com que estou de pleno accordo e a que assentirão todos quantos não são eivados de estreito partidarismo:

"Este trecho de Agassiz forma em resumo a opinião de hoje. A dispersão das ordens religiosas e a ruina das missões foram para a America do Sul o que foram para a Africa, um manifesto retrocesso. Uma assignatura do Marquez de Pombal, lançada no papel n'uma crise de fanatismo irreligioso, bastou para anniquilar em um dia estes resultados acumulados por annos e seculos d'esforços, de intelligencia e de dedicação.

Este moderno vandalismo terá uma desculpa? Sim, dizem certas pessoas: a ambição sem limites dos missionarios. Talvez, para ser justo e veridico, fosse bom accrescentar a este motivo alguma inveja do poder, alguma opposição da parte dos oppressores da população india, algumas calumnias de toda a especie para desacreditar e arruinar a obra moralisadora do aperfeiçoamento organisada por homens em que se via testemunhas importunas e adversarios resolutos".

Si deixada, posta de parte a America, occupar-se a critica das missões africanas, as illações a tirar e as

conclusões serão identicas: mudança de palco, outros actores; mas as mesmas victorias da religião sobre as populações barbaras e incultas, os mesmos labores da Ordem de Jesus e os mesmos resultados funestos oriundos das perseguições e da final extincção, com que lhe retribuiram os admiraveis serviços.

"Quanto deve Portugal, escreve Léon Béthurne, lamentar as perseguições, que outr'ora exerceu contra os jesuitas! Sem a enorme falta commettida por Pombal e seus successores, nunca a Inglaterra teria tido occasião de levantar aos lusitanos a injusta questão, que lhes suscita.

Os territorios ha tempos **descobertos** por Levingstone e occupados pelos missionarios escocezes conservaram profundos traços da evangelisação dos jesuitas, os quaes tiveram florescentes christandades em Cassange e nas margens de Chire e o Zambeze.

Desde o seculo XVI os jesuitas rivalisaram de zelo para penetrar no centro do continente negro e o P.ᵉ Silveira foi martyrisado em 1559 por ordem de um principe do paiz actual dos Matabeles. Os jesuitas tinham esplendidas christandades em Quelimane, Tete e Senna desde 1610 e fundaram no Zambeze villas christans, cujas ruinas, rodeadas de supersticioso respeito pelos indigenas, foram encontradas por Levingstone.

Os jesuitas foram no seculo passado brutalmente expulsos das suas christandades por Pombal, e dessa epocha data a decadencia do poder portuguez nessas paragens".

Sobre os jesuitas de que tratam mais miudamente as **Memorias** do P.ᵉ Pinheiro, posso adiantar os seguintes apontamentos, que não deixam de ser curiosos.

O P.ᵉ João Guedes, o fundador do Hospicio do Aquiraz, natural da Bohemia, como já disse, nasceu em 1660, entrou para a Ordem a 18 de Março de 1676, professou do 4.º voto a 15 de Agosto de 1694 e falleceu em seu hospicio a 11 de Fevereiro de 1743. Por duas vezes foi a Lisboa a advogar os interesses dos indios do Ceará.

O P.e Manuel Baptista figura nos archivos da Ordem como nascido no Porto em 1682, filiado a 14 de Agosto de 1699 e coadjuctor espiritual a 15 de Agosto de 1714, si bem que Loreto Couto o diga natural da freguezia de Santa Christina, Arcebispado de Braga.

Foi o orador sacro nas pomposas festas celebradas no 1.º anno do governo do capitão-mór João Baptista Furtado pelos desposorios do Principe do Brasil e que tantos dissabores acarretaram.

Foi o caso que o Capitão-mór despendera 300$000 com os festejos, e o governador de Pernambuco recusou mandar pagar as despesas feitas. A quantia era para os tempos um tanto avultada realmente, mas nada se poupara para o brilhantismo das festas: exposição do Santissimo Sacramento, sermão, do lado de fóra da egreja, um throno com os retratos dos principes, cercado de mais de 200 luzes, luminarias e fogos de ar e corda por trez dias, arvores de fogo, etc., etc.

De tudo isso deu Baptista Furtado uma justificação perante o juiz ordinario Antonio Maciel de Andrade, que deu provimento e achou tudo legal por despacho de 25 de Novembro de 1730.

"Trinta annos, escreve delle o autor dos **Desaggravos do Brasil e Glorias de Pernambuco,** viveo na continua tarefa de ganhar almas a Deus. Assistio aos indios do Ceará com summa caridade, instruhindo-os com seus exemplos e santas direcções. Os ultimos cinco annos da sua vida se recolheo ao real hospicio da dita provincia do Ceará onde com grande esplendor de virtudes finalizou a vida no fim de Julho de 1756 quando contava 75 annos de idade e foy o primeiro sepultado na Egreja de N.ª S.ª d'Assumpção do dito hospicio".

O P.e Pedro Nogueira era bahiano, nascido em 1686.

Entrou para a Ordem a 15 de Julho de 1704 e foi coadjuctor espiritual a 2 de Fevereiro de 1724.

O P.e Manuel Baptista foi tambem superior das Aldeias de Ibiapaba e Parangaba.

O P.e Felix Capelli era de Lisbôa, entrou para a Ordem a 31 de Outubro de 1703 e professou a 21 de Novembro de 1723.

*

* *

Em terras do Brasil, onde pisasse o pé do soldado europeu, em lances de fortuna sua propria ou em busca de dilatar o circulo dos possuidos da corôa, surgia concomitantemente, ou logo após, o vulto sereno do missionario catholico.

Um trazia com a voz do mando o ideal da conquista e cercava-se do apparatoso cortejo das armas; outro empunhava o ramo da oliveira da paz e era o portador do Evangelho, que compendia a fé e a caridade; áquelle engrinaldavam a fronte laureis ensanguentados e na sua passagem cresciam os gritos de protesto, o tinir das cadeias, as lagrimas e os suspiros, as invectivas e as vindictas; a este, si sobravam os trabalhos e as canseiras, a que muita vez punha remate o sacrificio da propria existencia, ficavam devendo as populações a vida da sociedade, o esquecimento das usanças barbaras, os confortos da fé, os beneficios da civilisação.

Para demonstral-o não careço de recorrer á chronica das Capitanias do Sul, que, todas ellas, abundam em exemplos palpitantes; basta que me reporte ao que mais de perto nos toca.

Ainda não se tinham dissipado os echos lugubres da expedição de Pero Coelho e já os jesuitas Pinto e Figueira, de ordem do provincial Fernão Cardim, se embarcavam no Recife para a catechese dos indios, que teriam mais tarde de lhes recompensar o zelo apostolico com a tragedia da Ibiapaba, levada a effeito pelos Tocarijus, e com o horrendo morticinio de que foram protagonistas os

sanguinarios Aroans. Em 1612 chega ao Ceará Martim Soares Moreno no intuito de fazer trato e solidas allianças, e em sua companhia traz seis homens e um clerigo; no mesmo anno desferra velas do porto de Cancale em França a expedição de Razilly e La Ravardiere e a bordo de suas naves estão os capuchinhos Claudio d'Abbeville, Ivo d'Évreux, Arsenio de Paris e Ambrosio de Amiens; a 23 de Agosto de 1614 sahe do Recife a Armada de Diogo de Campos destinada á conquista do Maranhão e á qual se ajunta Jeronymo de Albuquerque e vem com elles Frei Cosme de S. Damião e frei Manuel da Piedade, este nascido em Olinda, de familia nobre, pois que era filho de João Tavares, e conhecedor emerito da lingua tupy; com a armada de Du Prat, que é repellida pela gente do presidio do Ceará inflammada pelas predicas e valor do vigario P.e Balthazar João Correia, vêm doze missionarios capuchinhos sob a chefia de Anchangelo de Pembroch.

Longa se extende a lista dos exemplos, facilmente respigados aqui e alli, para demonstração da minha these, mas não é difficultoso accrescel-a ainda e muito.

No intuito de completar a conquista do Maranhão parte do Recife, em Outubro de 1615, uma armada de 9 velas, sendo piloto da capitanea Manuel Gonçalves Regeifeiro, que deixou o roteiro de toda a viagem, e na expedição tomam parte, a mandado do provincial P. de Toledo, os jesuitas Manuel Gomes e Diogo Nunes.

Este, natural de S. Vicente, diocese de Rio de Janeiro, nascido em 1549 e entrado na Companhia em 1563, era profundo conhecedor da lingua dos indigenas.

Avultado é o numero dos jesuitas que se entregavam ao estudo do idioma dos indigenas; dahi as facilidades que tinham, mais que qualquer outra ordem religiosa, na realisação de seus planos; dahi as grandes conquistas, os maravilhosos resultados que assignalaram sua passagem pelas tribus.

Elles attingiram á nitida comprehensão de que falarlhes a lingua equivalia a meio caminho andado para a catechese, e que o interprete, o lingua, era o instrumento mais vantajoso para attrahil-as, para assimilal-as.

Para o selvagem, observa com acerto Couto de Magalhães, aquelle que fala sua lingua é um seu parente, portanto seu amigo.

De Montoya, o sabio mestre da lingua guarany, se diz que elle, só elle, deu os rudimentos da civilisação a mais de cem mil americanos. E os collegios jesuiticos foram viveiros de Montoyas.

Mas continuemos com as provas.

A 25 de Março de 1624 deixam Lisbôa com as naus da India os dois navios da expedição de Francisco Coelho de Carvalho e vêm nelles varios religiosos da Provincia de S. Antonio de Portugal e Custodia do Brasil, entre os quaes avulta frei Christovam Severim.

A 30 de Abril de 1643 embarca com o capitão-general Pedro de Albuquerque o celebre Luiz Figueira, trazendo 14 membros de sua Ordem, a 13 de Maio lançam ferro em Cabo Verde, a 12 de Junho descobrem terras do Maranhão e a 16 ancoram; mas taes se mostravam os ventos e as marés, que a 29 chegam junto á ilha do Sol, **onde a tantos se pôs o sol da vida e lhes nasceo o da gloria**, como diz Nicolao Teixeira, um dos poucos sobreviventes da horrivel catastrophe.

Com os tropeços de toda sorte originados da invasão hollandeza, cujos effeitos por longo tempo perduraram nas diversas Capitanias, suspendeu-se ou attenuou-se a obra da catechese, para voltar mais tarde a se fazer de novo e a se consolidar, não entibiando o animo daquelles que dellas se encarregaram, e o mesmo se dera com seus antecessores, nem as agruras, inacreditaveis, dos caminhos, nem os riscos e as ciladas armadas pelos selvicolas, nem as perseguições e as violencias dos proprios portuguezes, que nelles tinham criticos da vida licenciosa que levavam e viam obstaculos aos seus interesses, quasi sempre inconfessaveis.

Em 1656 deu-se principio a uma dessas novas missões.

Em Junho desse anno partiram para a serra da Ibiapaba os Padres Antonio Ribeiro e Pedro de Pedrosa e ahi encontraram tres aldeias de Tabajaras com cerca de 1800 almas, alem de muitos outros de lingua não-geral e que, aliás, pareciam domesticos, pois possuiam casas e lavouras.

Empenhados estavam nas obras da missão, quando rebentou na fortaleza do Ceará uma revolta dos indios. Escreveu para a serra o Capellão do presidio, invocando o auxilio dos padres e entenderam estes acudir ao appello, ficando alli o P.e Pedrosa e vindo ao Ceará o companheiro, coisa muito para censurar, porquanto é dos estatutos e regulamentos da Ordem de Jesus não andarem os padres senão aos dois.

Demorava-se no Ceará o P.e Antonio Ribeiro a pedido de André Vidal de Negreiros, que passara por alli naquella occasião, quando chegaram recommendações do visitador Francisco Gonçalves para voltarem os dois ao Maranhão, por motivo sobretudo de não poderem ser soccorridos e visitados em distancia tamanha. Entrementes, Ribeiro foi a Pernambuco e voltou de novo ao Ceará, augmentando assim os maus commentarios e as censuras dos superiores.

Ordens se succederam, umas após outras; até mesmo veio de Pernambuco munido de instrucções o P.e Ricardo Careu, mas o barco, em que viajava, deixou de tocar no Ceará e em Camucim; tambem os correios de terra por impedimentos varios não conseguiram levar nem trazer noticias ás aldeias. Tudo parecia conjurar-se contra a Missão da Ibiapaba, quando no Maranhão se recebeu a noticia de que os Padres Ribeiro e Pedrosa estavam vivos e juntos.

Os indios, que de tal informavam, foram portadores tambem de cartas dos chefes e principaes, requerendo com instancia a continuação entre elles dos missionarios, accrescentando o principal da aldeia do Ceará, que era um

Algodão, amargas queixas contra Antonio Ribeiro por o haver deixado e a sua gente e não ter tido substituto.

Ordem Regia, cujo portador foi Pedro de Mello, para que nada se alterasse na Missão da Ibiapaba, veio tirar os superiores da perplexidade em que se encontravam, si devia continuar ou desapparecer.

Eis mais uma vez os discipulos de Santo Ignacio na faina de chamar os filhos da floresta ao gremio da Egreja, ao convivio da civilisação.

Sobre a Missão da Ibiapaba é muito para ler-se a **Relação** deixada por Antonio Vieira, que foi grande parte nella e mesmo por lá esteve após uma viagem de vinte e um dias, ao cabo da qual elle e os companheiros estavam descalços e traziam os pés em chagas.

A 2.ª **Memoria** de Manuel Pinheiro, que devo, como tambem a 1.ª, ao illustre P.e J. B. van Meurs, encerra a narração despretenciosa e por miudo de uma outra dessas pacificas expedições a que estavam affeitos os jesuitas em obediencia aos superiores e ás regras do seu instituto, organisado militarmente pelo fundador, que, sabemos todos, foi soldado por sua vez, e por signal que ferido no sitio de Pamplona, circumstancia que deu ensejo á sua conversão, e portanto ao estabelecimento da Ordem de Jesus.

Mas essa missão se fez já no seculo 18.

Inicia-se dita **Memoria** em 1732 com as ordens do provincial Marcos Coelho e do visitador José de Mendonça para a vinda do proprio Manuel Pinheiro ao Ceará, e refere demoradamente as muitas fadigas e trabalhos que elle e consocios experimentaram na administração das diversas aldeias, até então regidas por padres seculares.

Os mais conhecidos desses padres seculares existentes então na Capitania eram Domingos Ferreira Chaves, Felix de Azevedo, Christovam de Albuquerque, Antonio

Farinha e Fernando de Albuquerque. O primeiro da lista, de quem conheço um testamento feito a 28 de Agosto de 1749, era natural de Vidago, Arcebispado de Braga, e filho legitimo de Domingos Ferreira e Maria Mendes, possuia terras no Cocó, na Ribeira do Curú, compradas a Pedro Barroso Valente (Sitio Patos, Burití), e no sitio de Gerarahu.

Na **Memoria** ha a reparar um pouco na maneira como são graphados os nomes das aldeias cearenses. Relativamente a **Parangaba,** vejo mais uma vez confirmada a minha asserção de que os documentos antigos registam **Parangaba,** de preferencia a Porangaba. As palavras **fiume piccolo,** pequeno rio, parecem dar o significado do termo **Aguanambi,** um mixto de portuguez e tupy, no qual vêm juntas, significado, aliás, em opposição aos dizeres de entendidos, que traduzem **nambi** por orelha, asa.

Dos nomes de missionarios, que enumera, ha alguns que merecem elogioso reparo, como por exemplo o de Jacob ou Jacopo Cochleo, que chegou ao Brasil em 1662, ao mesmo tempo que Felippe Burel e João Guedes, aquelle, missionario do Rio Grande, este, do Rio S. Francisco, emquanto o consentiu a poderosa Casa da Torre, e, mais tarde, do Ceará, onde celebrisou-se.

Jacob Cochleo teve o berço em Artois, Philippeville, em 1629, entrou na Companhia a 5 de Maio de 1649 em Tournay, e fez profissão do 4.° voto a 2 de Fevereiro de 1665.

Veio para o Ceará em 1662 juntamente com o Padre Pedro Francisco, genovez, nascido em 1615, filiado em 1640 no Collegio do Rio de Janeiro e coadjuctor espiritual em 1652, e, depois de uma residencia de dez annos no Ceará, teve a seu cargo a missão dos indios Quiriris, foi reitor do Collegio do Rio de Janeiro e director dos jovens escolasticos da Bahia. Nesta ultima localidade fez-se notavel pelas innumeras conversões de protestantes que operou. Falleceu a 17 de Abril de 1710 em cheiro de santidade.

Passe agora o leitor a compulsar as **Memorias.** Vão publicadas em italiano, para melhor resguardo e estudo do modo de dizer e graphar do autor.

Lingua facil como é o italiano a nós outros Brasileiros, dispenso-me de dar aqui a traducção.

NOTIZIE DELLA CAPITANIA DEL SEARA E DE PATIMENTI DE NRI PADRI NELLA FONDAZIONE DELLA CASA NOSTRA

Nell'anno 1720 approdó il P. Geovanni Guedes da Lisbona a Pernambuco nella flotta, insieme cogli Indiani della Serra dell'Ibiapába, cioé il maestro di Campo D. Felippo de Souza figliolo di D. Giacopo che mori in Lisbona, ed il capitaneo Xapo di Souza, i quali erano andati apposta á Lisbona per richieder alla maestá del Re, fu Giovanni, accioche ritornasse a remaner sottomessa al governo di Pernambuco la missione della Serra, come era prima del suo Regio decreto, emanato a richiesta del Governatore che fú del Maragnone Geovanni da Maya, nel quale si ordinava che la popolazione della serra sotto posta al governo del Maragnone, affinche di tenerla pronta ogni qual volta fusse di bisogno guerreggiare cogli selvaggi ed infiniti Indiani. Sentiti poi gl'inconvenienze rappraesentati da questi Indiani, infallibili a seguitare della surrefita soggezione sua maestá fu servita ordinare, che il detto decreto fosse nell'avvenire di nessuno valore et restasse la popolazione soggetta come prima al governo de Pernambuco, con condizione pero, che quando fosse di bisogno chiamar gl'Indiani per guerreggiare ai Selvaggi lo potesse fare il Governatore del Maragnone.

Nella medesima occasione portó il detto P. Geovanni Guedes un ordine de sua majestá per fondarsi nel Siara un ospizio della compagnia; avendo ordenato ancor lo stesso il fu Petro II Padre di Geovanni V, ma il P. Francisco di Mattos allora provinciale non accettó la detta fondazione, allegando molte ragioni di questa sua resistenza: ció non ostante ordinó nuovamente il Signore Geovanni V a richesta del p. Guedes: si fondasse nel Seará un ospizio per ricevere dieci PP Imperiali o siano Tedeschi, accioché questi si occupassero nelle missioni por dell'Acaracú, por nel Jagaribe e furono loro assegnate 80 scudi Romani per il loro vestito et mantenimento in ciascheduno anno e perla fabrica della casa e chiesa gli mando dare due mille ed ottocento scudi Romani. Non si trovavano allora Padri Tedeschi sufficienti per adempiere il numero di dieci stabilito e cosi voleva il Pedres Guedes che si

sostituissero Padri Portoghesi, ed invitando ad alcuni, tutti se ne scusarono.

Passati quatro ovvero cinque anni, veggendo il P. Gaspare de Faria allora Provinciale la repugnanza, che mostravano i Religiosi nell'andarvi ad un luogo si distante de Pernambuco, quale é il Seará, imperciochè dista del Pernambuco ducente leghe lungo la Costiera del mare, ordinó al Pe Guedes d'andarsene per superiore al P. Emmanuele Battista per operario, al Pe Felice Capelli per maestro di fanciulli ed al fratello Emman. della Luz per gl'uffizi della casa. Parterono questo da Pernambuco nell'anno del 1725 in circa e giungiendo alla piccola cittá chiamata del Forte non trovarono che li desse albergo, emperocche le poche case che vi erano, stavano tutte ripiene cogli habitanti e có soldati. Mosso danque a compassione un certo Giovanni Dantas d'Aguiar amico de Padri, de quali era stato scolare, loro ricevete in casa sua, e lui se ne andó ad un podere, che aveva nel fiume Seará.

Veggendo i Padri che le case, dove demoravano, erano necessarie al suo Padrone, comperavano, altre piu lunghe, dove fabricarono alcune camere e le necessarie officine; in una sala delle dette case innalzarono un altare per celebrarvi la santa messa, ed in questo luogo sentivano le confessioni e praedicavano le Domeniche ed altre feste e quando el Vicario o sia Parocco stava assente per attendere all'adimpimento di suoi doveri, remaneva nella di lui veza il P. Emmanuele Battista siu a tanto che lui ritornava.

Giunse in questo medesimo anno al P. Provinciale una lettera del Regio Conseglio, nella quale si richiedeva e domandava se si avea dato principio alla fabrica dell'ospizio: perla qual ragione il detto P. Provinciale comandó al P. Geovanni Guedes che senza dimora desse principio alla sudetta fundazione. Cercarono i Padri luogo capaci per fondarvi, ma riuscìloro in vano, impero — ché gl'abitatori non volevano lasciare il suo terreno ne donato ne pur venduto: anzi dicevano ai Padri di far la loro fundazione si di casa come di chiesa sopra di um monte di arena, combattuto per ogni parte da venti, senza acqua e senza terreno, per fare qualche plantaggione, ed a questa fine inalberarono ivi una croce. Nelle case dove dimoravano non aveano larghezza sufficiente per fondarvi a cagione di un fiumicello che passa addietro di tutte le case e dalla parte d'inanzi cioé della strada, stava di rimpeto la fortaleza Tutto erano ostacoli e le lettere di Lisbona non cessavano di domandare s'era veramente cominciata la fondazione del Regio Ospizio. Arrivó in questo fra mezzo a quel luogo il capitano Maggior Geovanni de Barros Braga, il quale offerse de buona voglia ai Padri un certo suo terreno, che possedeva nella piccola cittá dell'Aquiras capo del Distretto e giurisdizione del Seará: furono i Padri per questo luogo, non lasciando pero le case da loro possedate nella Fortezza.

Videro i Padri che il luogo offerto loro era piu acconcio, sebbene non si poteva di lá godere la vista del mare, contuttocio accettarono l'offerta stesa la scrittura, per la quale i Padri s'addossavano l'obligo di dire perpetuamente una messa per settimana per Geovanni de Barros Braga e suoi parenti vivi e defonti, pigliarano legale e pacificamente il possesso non solamente del suolo in che abitava il detto Geovanni di Barros, ma eziandio del resto del terreno, il quale é confinante con un altro terreno, che era del Colonello Giorgio da Costa Gadelha, chiamato vulgaramente Beya Bodes. Questo terreno vendette dopo il P. Emmanuele Carvalho essendo superiore del Ospizio per 80 scudi Romani per fondarvisi la cittá dell' Aquiras capo del distretto e giurisdizione, dove sogliono dimorare e far assistenza, si l'uditore come gl'altri officiali della giustizia. Preso il possesso col obligo delle messe per settimana restó per qualche tempo il mentovato capitano Maggiore affine di raccogliere i frutti da lui seminati e piantati: ma come era necessario che assistessero anco ivi alcuni Padri, perció remasero i Padri Emanuelle Battista e Felice Capelli per erigere una casa dove intanto, abitassero, fabricata che ella fu vennero il P. Geovanni Guedes ed il fratello Emm. della Croce della cittá del Forte ed abitavano tutti nella nuova casa, fatta di bastoni e creta.

Nell'anno appresso (mi pare che fu nel 1727) col arrivo della flotta di Portugallo vennero ancora lettere, nelle quale nuovamente si domandava al P. Provinciale, se si aveva gia cominciata la fabrica del nuovo Ospizio. Ricevute del P. Provinciale le lettere, scrisse questi al P. Guedes domandando gli la ragionne de non aversi ancora cominciata l'opera dell' Ospizio, che lui aveva richiesto a sua Maestá: allora il P. Guedes si resolse, costretto si del P. Provinciale come dal governatore di Pernambuco Eduardo Pereira Sodré, a mandare a Pernambuco il P. Emanuele Battista, accioché reportasse seco il danaro assegnato dal Re per la fondazione della nuova casa. Parti dunque il P. Battista in tempo convenevole e felicemente guinse in Pernambuco, dove ricevuto il denaro ed arrivato il tempo di partire s'embarco ensieme col fratello Antonio Nunes falegname, portando seco il denaro ed un imagine della Madonna della Assunzione appartenente alla missione della serra dell'Ibiapaba, la quale imagine prese pel suo Ospizio il P. Guedes, vendendo quella, che ivi teneva, alla missione de Meruoca, dicendo che la missione dell'Ibiapaba era á lui piu debitrice. Tornando dunque ai due nostri religiosi P. Emanuele Battista et Fr. Antonio Nunes usciti del porto de Pernambuco gungnendo a quel luogo che si dice Pao Amarello quivi encaglio il bastimento e se non fosse stato l'industria usata del fratello Nunes, correva rischio di affondarsi e perdersi del tutto: usciti che furono da questo pericolo sequitarono la lor navigazione per il Siará dove giunsero felicemente e fu-

rono ricevuti dal Padre Guedes con segni di amore e caritá, la quale per altro duró poco tempo.

Incominciarono dunque i Padri a tratare dell'affare della fondazione, ma non si accordavano nel modo di farla. Chi la voleva architettata in una maniera e chi in un'altra: con questa diversitá di pareri non finivano mai d'aggiustare tra di loro il modo di condurre il negozio al bramato effetto e cosi, si diede l'avviso al P. Provinciale, il quale ordinó ai Padri Felice Capelli ed Emmanuele Battista prendessero la fabrica alla sua incombenza e facessero un casa quadrata secondo il danaro che aveano, e comandó al P. Geovanni Guedes lasciare l'incombenza del tutto ai detti PP. e senza intrigarsi in nulla: e cosi il detto Padre si ritiró insieme col Fratello Emmanuele della Luce per le case della piccola cittá della Fortezza, di dove veniva ogni settimana per osservare la fabrica. Con cio restarono nella cittá dell'aquiras e PP. felice Capelli ed Emm. Battista ed il fratello Antonio Nunes, il quale ricevutoche fu l'ordine del P. Provinciale incominció subito a fabricare carrette e tagliare legname per l'erezione della fabrica, la quale e fabbricata di legni de lentisco (legno ferro) ed altri simili con en mezzo della creta dura e come la detta casa é bassa e d'un sol piano appreso la terra, le fece sopra una loggia per guardare di colá la cittá, e le spondé del Pacoti fiume, che, quando e pieno allaga tutto il terreno e arriva sin all'horto del Ospizio: il pesce, che si cava da questo fiume sostituisce la mancanza di quello del mare: ma come sono molti i pescatori che se n'aproffitano, il pesce che vi n'é é assai piccolo: quando per il fiume si sminuisce allora si cavano alcuni camurini grassi e grandi. Il Ospizio poi della parte del Ponente ne ha 6 camere, della parte del scirocco altre tante, della tramontana si vedono l'officine di casa refettorio e dispensa, della parte dell'Oriente e la dispensa del provedimento che viene da Pernambuco ed una casa pel servigio della sagrestia: nel principio di questo corridore e la porteria, la quale serviva di capelletta per celebrarvi, prima che vi fosse la chiesa, la quale si principio ad innalzare nel anno de 1748, mettendosi la prima pietra fundamentale nel giorno di S. Ignazio PN. con questa inscrizione: Sapientia aedificavit sibi domum, di una parte, et dell'altra: Signum magnum apparuit in coeelo. — Per erigere questa chiesa se ne ebbe a sciogliere la gran diversitá di pareri emperciocché se questo la voleva in un luogo, quello la voleva in un altro, senza che mai se convenissero nella medesima opinione, a segno tale che io (Emanuele del Pinheiro scrittore di cotesta relazione) finalmente ad instanze dei muratori che da Pernambuco erano venuti per lavorarvi, incominciai la fabrica nel luogo stabilito dal P. Geovanni Guedes e del frat. Antonio Nunes, il quale aveva fatto metter in terra cente grossi alberi, sopra dei quali dovea sostentarsi il tetto della chiesa; veggen-

do pero iò che il fare cosi non era troppo sicuro e durevole comandai fossero le mura fatte di pietra e calce colle porte e tribuna di pietra ben lavorata: gli ho fatti fare solidi fundamenti e dopo che le mura stavano gia alte sopra la terra 20 palmi incirca P. Francesco de São Payo mio successore seguitó innanzi l'incominciato. Il motivo, che io ebbi per incominciar la fabrica della chiesa, agli si fu, che avendo il P. Guedes fatto nuova istanza al Re accioche li fusse dato qualche soccorso di danaro per fare la chiesa e condurla al fine: il danaro era statto gia ricevuto, e la fabrica non era ancor principiata e cosi prima che qualcheduno spendesse quella somma (erano 800 scudi) io l'incominciai a spendere in beneficio della chiesa.

E perché il P. Felice Capelli era occupato coll'intendere alla fabrica scrisse il P. Geov. Guedes al provinciale per ottener da lui un altro Padre, che sostituisse il suddetto Capelli nell'ensegnanza de fanciulli e cosi ordinó il P. Provinciale al P. Pietro Nogueira l'andarvi e come la casa era allora cosi povera, si risolse a partire per Jaguaribo il P. Emanuele Battista, per ricercar qualche limosina di bestiame piccolo ovvero grosso, ma altro non poté portare che del piccolo. Il P. Capelli partì pure egli per l'Acaracu ed oltre sino a Parnaiba dove portó qualche quantitá di bestiame bovino col quale si diede principio alla tenuta di bestiam e bovino col quale si diede principio alla tenuta de bestiami, che ne possiede il detto Ospizio edancora alcuni cavalli ed altre bestie simili: questa tenuta fu fatta nella situazione della Pindóba, oltre il Pacoti, il quale terreno parte ne fú comperata e parte ne fu data in limosina da Stefano Velho di Moura, e dei redditi e frutti di questa tenuta si mantenevano i Padri che residevano nell' Ospizio.

E perche non judico esser fuor di proposito, racconteró quello che parecchie voltre senti dire, ed era manifesto nelle lettere del consiglio di Lisbona, ed anche d'una lettera del Vice Re dello stato Vasco Fernandes Cesare. Quando il P. Geovanni Guedes cercó la fondazione dell'Ospizio, demandó al Re 40 scudi Rom. per mantener i religiosi ne primi anni, i quali si potevano pagare delle sue Regie entrate delle decime in Pernambuco, e che dopo poteano i Padroni delle tenute di bestiami concorrere ciascheduno con un bue per l'ospizio, parendoli al P. Guedes che sarebbe cosa facile il riscuotergli, ma s'ingannó ed il tempo gli fece vedere l'impossibilitá vociferando e spargendo che i Padri erano andati e ricorsi a Lisboa per ottenere dal Re per se un tributo de piú: ebbe allora il P. Guedes notizia che il Re mandava dare 60 scudi per testa a ciascheduno dei religiosi, che stava nella colonia del sagramento: e cosi fece nuova istanza al Re, significando la repugnanza de'Religiosi di andar a Siará chiedendo gli si degnasse

accrescergli la somma de' danari, che loro si doveano dare siccome l'aveva fatto a quelli della nuova colonia ed il tutto fu accordato dal Re; ma come la detta somma s'aveva da far del bue che riscuoter si doveva da ciascheduna tenuta, non era troppo sicura la fondazione, e cosi diceva il detto P. Fundatore, che se i danari non si pagavano, partirebbero per Pernambuco tutti i Padri. Consapevole di tutto questo il Provinciale che era allora concepi il pensiero di far venire tutti i Padri e lasciarvi solamente uno per superiore ed un altro per suo compagno; quando peró questa cosa si descorreva, aveva finito da vivere il P. Giovanni Guedes che fu 11 febraio 1743, e fu seppellito nella porteria del Ospizio che serviva di chiesa, non essendo ancora fabricata la che doveva servire nell'avvenire.

Passati alcuni anni, stando ancora nel suo essere la fondazione del Ospizio giunse da Lisbona la flotta con lettera del consiglio per L'uditore di quel governo Emman. Giuseppe de Faria e fu nel anno 1748; nella lettera li era domandata la ragione che tenea per pagare ai Padri 160 scudi delle regie entrate, dovendo lui riscuoter la dtta somma delle bue che doveva pagare ciascheduna tenuta per mantenimento dei Padri. Sorprese allora il Superiore una smisurata malinconia, veggendo esser sul punto di perdersi una fondazione, che tante fatiche avea costato, e molto piu che non si aveano documenti alcuni, i quali solamente apparvero tra le carte del P. Guedes dopo la di lui morte.

Scrisse a Lisbona il sopradetto Uditore e come per empedimento della malattia che pativa il Re Giovanni V governava allora la Regina D. Mariana d'Austria da lui consorte, sentiti gl'inconvenienti accennati da esso uditore, ordin detta Signora che si pagassero 60 scudi a ciascheduno religioso dimorante nel ospizio sin al numero di dieci, dalle decime reali della Capitania del Siara: questa lettera se mandó stendere nel libro dell'entrate Reali, restando cosi stabilita la fondazione del Ospizio del Siará: e fu nel anno 1749, essendo superiore il P. Emman. Pinheiro, che ne stesse questo memoria e Provinciale il P. Simone Marquez. Ed é da notare che quando il Ré assegnó i 40 scudi per mantenimento dei Padri disse il Ré — Padre Giovanni Guedes, 40 scudi non é poco. E respondendo il Pe.—Si: soggiunse di piú: i Padroni della tenute de'bestiami semper concorrerano con qualche bestiame per sostenimento dei Padri — ma s'engannó e sebbene si passó l'ordine che ciascunatenuta de bestiami concorresse con un bue per mantener i Padri, il quale do vrebbe riscuotersi dal Proveditore delle Rendite reali, contuttoció si vede l'impossibilitá, particolarmeute a chi vuol fondare casa di nuovo a spese d'altrui e contra da loro volontá.

NOTIZIE DELLE FATICHE SOFFERTE DAI NN. PP. NEL PRENDERE IL POSSESSO DELLE POPOLAZIONI DEL SIARÁ

Nel anno 1732 il P. Marco Coeglio provinciale spedi un ordine al P. Giuseppe de Mendonza visitatore in Pernambuco, accioche Lui Ordenasse al P. Emmanuel Pinheiro ed al fratello Emma. de Macedo d'andarsene al Siara per sostituire i Padri Felice Capelly e Pietro Nogueira, che doveano tornarsene a Pernambuco. Nella sudetta terra riocera di Siará trovó il mentovato P. Pinheiro (Stensore di questa memoria) che le Populazioni di quelle contrade erano aministrate e governate da Preti seculari. Quella di Paranáamyrim era amministrata da un Prete Antonio Farinho Preto.

Due leghe incirca piu innanzi ce n'era una altra detto ypavapina ovvero Popina ammin. da un Prete Ferdinande de Albuquerque. In vicinanza di questa in distanza di una legha stava un altra, che si diceva Aldea nova l'aministratore era Giuseppe (del cognome non mi recordo) nipote del sergente maggiore Eman. de Britto.

Discosta di questa una lega e mezza stava la populazione della Porangaba ovvero Parangaba. In questa stettero parecchi Preti imperoché per la maggiore parte non residevano che due mesi a cagione dell'incommoditá che ivi trovavano. Due leghe in distanza ce n'era un altra populazione detta della Caacaya ovvero Cavocaya governata da un prete che ivi fini i suoi giorni, benche non missionario, imperocché era stato d'inanzi sostituito d'un altro Prete Felice di Azevedo. Della parte del scirocco presso a Jaguaranambi ovvero Aguanambi fiume piccolo é piantata una piccola populazione di Indiani Aguanacii amministrata del Rd. Domenico Ferreyra Chavy. Dieci o undeci leghe piu avanti per la via de Jaguariba si vedeva una altera il di cui amministratore era Christoforo de Albuquerque de casati piu nobili de Pernambuco. Gl'abitanti di quest'ultima erano Indiani Gapuyas chiamati Payacus. Tutte queste popolazioni stavano piantate e fondate in pianure: capane di paglia erano le case degli Indiani e ancora de'missionarii, e se talvolta la casa degl'ultimi n'avea algune tegole, erano per altro pochissime, a riserva di quella detta Parnáa-myrim, per esser vicina alla piccola cittá dall' Aquiras: dimoravano gl'indiani nelle loro case tegolate come pure il missionario. Questo amministratore che da prima beneaffetto ai nostri (Rv. Antonio Farinha) seguitó in appresso i esempi degli altri. Egli é vero che secondo le memorie che io trovai, tutte le popolazioni (eccettuandone quella dos Tapuyos) stavano unite insieme in una, che era quella detta Parangaba governata da un nostro religioso P. Jacopo Cocleo de nazione Flamenga correndo l'anno 1680 ovvero ancora negli

anni piu addietro (1662) quando gli Indiani Selvaggi si rapacificarono erigendosi per questa cagione una fortezza o sia riparo di steccato con dell'artigleria, si per difesa dei Europei, come anche per tener in freno i selvaggi non ancor addimesticati Indiani per guarnigione della mentovata fortezza veniva da Pernambuco a vicenda una compagnia di soldati, i quali erano per la maggior parte Mamaluchi Pardi e coribocchi: essendo poi questi spallegiati dai Capitani Maggiori incominciarono a fare mille spropositi e ribalderie, portando via le donne Indiani si maritate che zitelle, ragazzi e ragazze anche di fanciullesca etá. Veggendo il Missionario tutti questi sconcerti senza pero poterle remediar, anzi diventando codesti ribaldi peggiori colle reprensioni, che loro venivan fatte dal missionario lo carcerarono per comandamento del Capitano Maggiore che non mi ricordo chi fsse. Messo dunque il Padre nella fortezza, ne sopravenne una si horrida tempestá di pioggie e venti che strappó e fece pezzi la grande porta della fortezza la quale veggendo aperta il P. Iacopo Cocleo se ne usci fiori e lasciando la Siara, partisene per l'Apodi, dove stava in un altra missione il P. Felippo Bourel, la quale missione apparteneva alla capitania del Rio grande, dove questo Padre cioé Cochleo finì di vivere con segni troppo evidenti di sua predestinazione. Queste notizie mi furono raccontate dal P. Giovanni Guedes de nazione tedesca, mi pare averli sentido dire che da Europa vennero conseco lui per le missioni del Brasile i surreferiti Padre Burel e Iacopo Cochleo. Questi scelge la Ceara, il P. Felippo Burel il Rio Grande e il P. Gio Guedes le missioni del fiume de S. Francisco: a queste ultimo mando fuori delle missioni il signore della torre, sostituendo en sua veze i religiosi minori osservanti.

Per l'assenza poi del P. Jacopo Cochleo ne furono sostituti in suo luogo alcuni Preti secolari: gli Indiani pero che stavano tutti radunati nella popolazione detta Paranamgába, non potendo piu soffrire l'insolenze, che da i soldati della fortezza venivano loro fatte si divisero in diversi schiere e se ne fugirono, parte per la popolazione dell'aldea nuova, parte per la de Paopina, chi per Paranaamyrim e chi per l'Ibiapaba, ed il remanente restó nella medesima popolazione, et tretti gl'Indiani dei luoghi dove se ne fuggirono furono posti Missionarii preti secolari. Arrivando poi alla notizia del Excellm.° Giuseppe Fialho vescovo di Pernambuco il cattivo portamento di sudetti Preti, particolarmente del poco menche nulla assistenza e residenza che faceano nelle loro respettive popolazioni, fece una representazione alla Maestá del fu Giovanni di felice recordazione della necessitá de'ministri del Evangelho che havea in quella capitania maggiormente nelle popolazioni degli Indiani, e che solamente i Padri della Compagnia erano i piu habili per questi impieghi. Comandó il Re che i Padri tornassero per le popolazioni del Siará, come il vescovo gli avea

rappresentato e le amministrassero e loro fossero dati 30 scudi per il loro vestito e per l'arredi da celebrare il S. Sacrificio piccola somma veramente, ma come il P. Michele da Costa, allora vesitatore generale e provinciale, cosi l'ordino in consulta generale delle missioni, fatta d'ordine regio, percio i missionari restarono solo colla detta somma di 30 scudi Romani.

Prima pero che partissero i Padri, si scrissero alla corte tutti gli inconvenienti, che si potrebbero incontrare, ma fú di bisogno seguitare il consiglio dal Emin, cardinale da Cunha, e andarsene i Padri per dove il sovrano comendava; giunsero cola ai 12 de Decembre de 1741: stati ricevuti con allegrezza di uni e rammarico di altri: Non si puó l'abbastanza esprimere il patire dei Padri alla mancanza di tutto il bisognevole, benché il signore Arrigo Luigi Pereira Freire, che allora era governatore de Pernambuco fece subito pagare ai missionarii i 30 scudi loro assegnato dal Re por sollevamento delle loro necessitadi.

Entrarono dunque i Padri ad onta dei malevoli, ed ecco incominciarono i patimenti di nostri missionarii. I preti amministratori delle popolazioni facevano l'ordinaria loro residenza nelle case di suoi parenti ovvero ne'suoi proprii, e solamente venivano alle popolazioni nei giorni avanti le festi per la messad del seguenti giorno, eccetuamente le popolazioni di Paranaamyrim, dove ordinariamente facea la residenza il missionario. E giache ho parlato di questa prima popolazione da questa incominecieró il racconto dei travagli e patimenti, che della robba che ivi fu trovata da i novelli nostri missionarii. Trovó ivi il Padre Luigi Giacomo una carretta vecchia con quattro buoi, una chiesa di legname tutta depinta per il R. P. Antonio di Olanda Cavalcante, un paramento per la missa, calice, missale vecchio: era l'abitazione tegolata e niente piu Incomincio il patire di questo Padre dal sollevarsi, che fecero gli Indiani stimolati dei bianchi (o siano Europei) contro il Padre per avere questi castigato leggiermente a certi Indiani che l'aveano ben meritati: si mosse un tal bisbiglio contro il missionarto, che se ne andarono dall'Uditore Tommaso da Silva Pereira gran nemico dei Padri e fecero lamenti tanti e tali contro il Padre, che l'Uditore rimase contro non solamente il mentovato Padre ma ancora contro i Padri dell'Ospizio che ivi ha la comp.ª, perseguitando non solamente ai referiti Padre dell'Ospizio, ma ancora ai secolari, che venivano alla detta casa per trattare co' Padri, vietando loro la comunicazione co' Padri, in guisa tale, che in una lettera che mi scrisse della serra del Ibiapába il P. Superiore dell'Ospizio, mi dicea stare in quella casa non altrimente, che si demorasse i Salé tra i barbari maometani. Erano i Padri notiziati di quanto passava da un licenziato Tmanuele Ribeiro do Valle, il quale veniva ragguagliare il tutto a' Padri alle ore della notte. Veggendosi i Padri dell'Ospizio perseguitati da questo Uditore, scrissero

alla corte, e comandó sua maistá un altro, che li succedesse nell'impiego, e ne prendesse informazione del procedere del suo predecessore; ma questo se ne fuggi, imperciocche sapendo che il suo successore troverebbe esser vero, quanto dai Padri fu scritto resguardo alla sua persona, era infallibile la sua camerazione: ordinó inoltre il Re che venisse alla corte per render conto del suo portamento ed insieme lo licenzio del suo servigio.

Considerandosi poi il P. Luigi Giacomo senza remedio venne a Pernambuco distante ducente leghe com immensi disagi, per esser allora tempo de inverno e le strade all'estremo fangose. Parló col signor Generale Arrigo Luigi e col vescovo e cosi pote remediare tutte le sue pretensioni. Si ragguaglio la Corte pel tribunale delle missioni chiedendo: si giunsero le popolazioni quella di Paranaamyrim a quella de Paopina, l'Aldea nuova ed i Papuyi Guanacés, che rappacificava il Rdo. Domenico Ferreira Chaves, dimoranti in Aguanambi per quella detta Parangába. Tutto accordó il Re in favore del tribunale delle missioni e del P. Luigi Giacomo, della quale cosa restarono per qualche tempo calmati gli animi dei paesani.

S'incominció allora a persuadere agl'Indiani di Paranaamyrim la mutazione per Paopina, che stava in piú bella situazione, avea terra per piantagione ed acque piu salubri, o pochi habitatori restando cosi piú libere dag'Indiani le tenute e poderi di bestiami, a chivare ogni occasione di lamento, ai Bianchi che si querelevano che gl'Indiani de Paranaamyrim gli amazzavano il loro bestiame: ma gl'Indiani non ostante tutte queste ragioni fecero delle repugnanze, a motivo della lor nascita in quel paese e de suoi parenti sepolti in quella chiesa, che dovrebbeno abbondare, lasciando il loro nativo paese.

Percio se ne prese la risoluzione de distruggere la chiesa fabricata di legni e terra, aprofitandosene de tutto il legnamé che non era guastato. Rovinata che fú la chiesa si fece lo stesso alle case degl'Indiani per servirsene delle tegole e legname in Paopina. Si mutó ancora l'Imagine della Concezione titulare della popolazione, essendo superiore il P. Emanuele di Lima. Non trovarono i Padri si nell'una che nell'altra popolazione cosa veruna atta a servirsene senon la carretta colli quatro buoi di sopra accennati ed un paramento da celebrare assai vecchio, dal quale per altro se ne fece uso sin a tanto, che s'ordinasse un altro.

Comandó inaltro sua Maistá che l'uditore mesurasse una legha di terra in forma quadrata accioche gl'Indiani avessero terre di poter seminare e fare le loro piantaggine, e se talvolta il concesso terreno secondo la mesura entrasse in quello degli abitanti, a costoro si desse altrettanto in una altra parte. Ed ecco che di bel nuovo si mosse una altra tempesta contra i Padri, da un certo Giuseppe Soares e da un suo cugino Giuseppe di Souza, persuasi esser eglino la cagione di tutte queste

disposizioni; e non ebbero i Padri a patir poco, imperocché, como coloro erano de'principali abitatori del paese, trassero contro de'Padri l'odio di tutto il rimanente della gente. Tutto pero si rasserenó a cagione delle minacciose lettere del Signore Generale Arrigo Luigi. La situazione di questa popolazione non é cattiva imperocche oltre d'esser ella battuta de'venti e lontana della habitazione dei Bianchi, ne ha ancora un casino per habitazione dei Padri, il quale fu fatto per il P. Emanuele di Macedo, essendo superiore il padre Antonio dos Reys: ed allora tutto stava in quiete, ed oggidi era la popolazione piú comoda si per la salubritá dell'aria, come ancore per il buono vitto che ivi se godeva: essendo primo uno stare assai sconcio, imperocché non si vedeva altro che poche capane ed assai rozze, dove dimoravano i pochi Indiani, quando venivano ad udir la messa. Considerando dopo il P. Macedo, che gl'Indiani de Paranaamyrim aveano disfatto le loro case, parló al superiore Antonio dos Reys per fabricare case tegolate per gl'-Indiani, e si vide in loro un'emulazione tale, che ancora gl'-Indiani di Paopina incominciarono fare le loro case de tegole, restando di una parte gl'Indiani de Paranaamyrim e dell'altra quelli di Paopina, con una buona piazza nel mezzo. Restó cosi la popolazione si bene acconcia, che poteva ricevere con decenza l'Uditore, il Capitano maggiore, il visitador Ecclesiastico ed altre persone di distinzione, che acertavano a passare per colá.

Discosta da questa legha e mezza o due incirca stava una altra popolazione detta Parangába, titulo Buon Gesu, alle quale fu mandato per missionario il P. Emanuele Battista, e questa popolazione in adempimento dell'Ordine del Tribunale delle missioni si uni l'altra popolazione detta l'Aldea nuova ed i Tapuyi Guanacés addimesticati per il Rd.° Domenico Ferreira Chaves, che loro serviva di paroco. Trovarono i Padri in questa popolazione un casino Vecchio, nel quale a cagione della rovina, che minacciava, nessuno volea abitare. Incominció dunque il P. Superiore ed il P. Macedo una nuova casa per loro hatazione, abbelindo ancor ed ampliando la chiesa. Non trovarono i Padri altri utensili che un vecchio paramento da celebrare, un gallo ed una gallina, che forse per dimenticanza furono rilasciati da chi ne stava prima. Posside questa popolazione una legha di terreno in quadro, é troppo arenosa e solamente piu del giusto beneficata, potrá nell'avvenire fruttificare: l'acqua che ivi si beve é di un pozzo. Questa popolazione é la piú vicina alla Fortezza del Siara e per ció viene spesso molestata da piu sfacciati soldati che senza attendere ad altró, cercano ad ogni potere le sue comoditá e per questo verso ancor hanno i Padri parecchie occasioni di meritare, mettendo in pratica la loro pazienza.

Piu avanti in distanza in circa di due leghe é piantata unaltra popolazione chiamata Caaucaya (Madonna delle alle-

grezze). Quivi fu ricevuto il P. Antonio Pinto con straordinarii segni di allegrezza per il Rd.° Felice de Azevedo prete secolare, il quale gli diede il possesso nel giorno prima della festa di S. Tommaso Apostolo. Non trovó il Padre altro che una assai povera casa, fabbricata con certi bastoni coperti di creta secondo l'uso del Siará. Ce n'era ancora una chiesa ampia, ma fabricata nella stessa maniera che la casa del missionario: questá col andar dal tempo s'incominció a rovinare, a cagione di certi formichi in guisa tale, che fu di bisogno abbatterla del tutto per schivare maggior rovina. Spianata che fu la chiesa s'incomincio una altra colle mura di pietra e calce essendo superiore il P. Giuseppe Ignazio e compagno suo il fratello Jacintho da Fonseca: sarebbe gia finita del tutto se le cose non si perturbassero come ognuno sa contutto ció si celebravano ivi gia di qualche tempo i divini mysteri. Preso dunque il possesso incomincio il P. Antonio Pinto a far coltivar la terra pel suo mantenimento. Sta la popolazione piantata in una grande pianura appresso del fiume Siará grande, il quale abonda di pesce in certi tempi del quale si mantengono i Padri. Un bosco assai folto la circondava d'attorno e se non fosse la diligenza usata da'missionarii sarebbe gia del tutto coperto e nascosto. Egli é vero che il sopradetto Felice Azevedo prete ebbe una grande cura di codeta missione e fece del conto suo tutto il possibile per ridurla ad un poco piu di comoditá, ma tutte le diligenze sue, da lui adoperate nulla bastarono, imperocche i Padri nel venir colá provarono assai degl'effetti della santa povertá: consolati rimasero peró col terreno che trovarono sufficiente a lavorarsi, sebbene che l'acqua di bere ne stava alquanto discosta da quel luogo. Ancora a questa popolazione fu assegnata una legha di terra in quadro, e nella dimenzione che si fece n'intrava un podere di un certo Barnaba Vieira gran nemico del P. Antonio Pinto, al quale si stento per mandarlo via da quel luogo, multo piu che esso voleva pagare una certa come gabella alla detta popolazione, ma il Padre Pinto non l'acconsenti: Barnaba pero come avea dei possenti patroni tentarono questi il persuadere ai Padri, che sarebbe di gran vantaggio per loro il transferire la popolazione ad un luogo piú lontano dove gl'Indiani aveano le sue terre coltivate ed acqua di certi frutti, che loro chiamano morití; ma i Padri riflettendo quanto difficile cosa fosse stata quella di ridurre gl'Indiani di Paranaamyrim ad andarsene a Paopina, non vollero intrigarsi nuovamente in un altro simile affare; sicché se ne rimasero. Tutto questo fu tramato del sudetto Vieyra per cagione di aliquanti alberi di coco, che in quel luogo ve ne haveva.

Tutte queste popolazioni stavano alla trasmontana della parte del sciroeco; poi ce n'era un, altra che se nominava Payacus: questi sono certi Indiani Tapuyi, i quali fuggirono della popolazione detta Apodi del distretto del Rio Grande. Costoro

quando si annojano di dimrare della parte del Siara, sene vanno all'Apodi, e per la stessa cagione ritornano di belnuovo, quando loro piace, dall'Apodi al Siara. Questa popolazione é piantata in una ampia pianura: il cielo ó salubre, come pare lo sono l'acque de farsene uso per bere: manca pero di vetto vaglie, impercioché í luoghi paludosi sono poche: il pesce pure non vi é a cagione dalla lontananza dal mare e quello che se trova é di un certo fiume detto Choró il quale non produce altre pesce, che una certa especie nomenata da loro Tarayras. Il missionario, che sopra intendeva a questa popolazione era un Prete Sebastiano (del cognome non ho notizia). Ce ne stavano ancora aliquanti pochi Tapuyi, aveano una chiesuola (si tale si poteva chiamare) un vecchio paramento cogli altri arredi da celebrare e niente altro. Deputato per questa missione fu il P. Francesco Leal. Ma passati aliquanti gli fu sustituito il P. Giuseppe Ignazio, il quale portó seco il fratello Macedo, accioche questo gli facesse la capella ed l'altare maggiore della chiesa, la quale fece dopo dipingere ed ivi collocó un imagine dell'Imacolata Concezione ed un altro di San Saverio: fece ancor mettere una campana grande il che piú autenticamente si vede nel libro detto della ricvuta e della spesa. Sin que e quello, che io posso informare e ragguagliare per l'ingrosso tralasciandone certe altre piccole bagatelle di poco o niun conto.

DOCUMENTOS

ALGUMAS DATAS DE SESMARIAS CEARENSES REGISTRADAS NA BAHIA

LIVRO 1.º DE SESMARIAS

Fas. 105—**Ant.º de Oliveira Vasconcos.** e seo irmão J.º Nes. de Oliveira. — Alvará de 6 de M.º de 1676.—2 legoas de terra —Começão da ponte e barra de Jaguaribe das terras de Ant.º Alves Barreto, correndo p.ª a Costa, até o R.º das pedras. — **Cond.:** As mesmas anteriores (Condes. do Foral de S. A. Real)

Fas. 124—**Capm. João de Castro Cord.º**, José Coelho de Barros, e Franc.º de Almeida de Vena—Alvará de 2 de Mço. de 1677.—3 legs. de compr.º e úma de largo, q é a leg, á cada úm em quadra—No Ceará grde., na enseada pla. costa do mar, q pla. pte. do Sul, com o pr.º Sima, q fica da banda do Norte até o R. o ago a maré, q fica da pte. do Norte pla. costa